ENTREVISTA com **Amílcar D'Avila de Mello**

"Sul do Brasil era espanhol no século XVI"

Pesquisador afirma que a influência da Coroa castelhana na região foi varrida para debaixo do tapete pela historiografia nacional

© VICTOR CARLSON

Amílcar: "A tentativa de colonização do litoral de Santa Catarina no século XVI é a pedra angular do que se tornou o Cone Sul e o Brasil"

A história quinhentista de Santa Catarina não é muito conhecida no Brasil. Embora de grande importância, o período foi pouco estudado até hoje. Mas o historiador Amílcar D'Avila de Mello, gaúcho radicado em Florianópolis há 26 anos, vem preenchendo essa lacuna. Seu monumental livro *Expedições e crônicas das origens – Santa Catarina na era dos Descobrimentos Geográficos* (Expressão, 2005) trouxe à tona documentos, ilustrações e pesquisas de 15 anos e apresentou interpretações tanto surpreendentes quanto inovadoras. A obra, que tem 1.500 páginas distribuídas em três volumes, teve patrocínio da Petrobras e foi fruto de investigações em arquivos de Sevilha, Londres e Nova York. Além de participar de pesquisas submarinas pioneiras em Florianópolis, por meio do Projeto de Arqueologia Subaquática (PAS), Amílcar dedica-se atualmente ao estudo dos primórdios da Justiça no Brasil meridional. Formado em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e intérprete de inglês e espanhol, é um historiador independente que realiza pesquisas sem vínculos com universidades. Seus trabalhos, no entanto, são referências inquestionáveis para a academia.

História Viva – Qual a especificidade do período de exploração (séculos XVI e XVII) de Santa Catarina na história do Brasil?

Amílcar D'Avila de Mello – Considero a tentativa de colonização do litoral de Santa Catarina no século XVI a pedra angular do que se tornou o Cone Sul e o Brasil. Nas primeiras expedições quinhentistas, a intenção era chegar ao Oriente. Houve frustração dos espanhóis ao descobrirem uma barreira continental que havia entre eles e a Índia. Somente após 1513, na descoberta do que chamavam de *Mar del Sur* (o Pacífico), perceberam a necessidade de encontrar uma via marítima que os levasse às riquezas asiáticas; pelo istmo do Panamá não havia como. Desceram explorando a costa sul-americana. Um navegador português, João Dias de Solis, piloto-mor da Espanha, foi encarregado de encontrar essa passagem para a Ásia pela via austral. Descobriu o rio da Prata, então chamado de Solis. Logo após, foi massacrado e devorado pelos guaranis. Uma das naus da sua armada, tentando retornar, naufragou no litoral de Santa Catarina. Esse naufrágio foi um marco na história da região, originando um dos primeiros núcleos europeus aqui. Entre 11 e 14 náufragos foram bem acolhidos pelos carijós-guaranis encantados com

suas artes espetaculares: navegação a vela, escrita, armas de fogo etc. Havia muitos portugueses entre eles, e um certo Garcia, que a maioria dos historiadores prefere chamar Aleixo, mas a quem os próprios indígenas chamavam Maratia, organizou uma expedição para verificar boatos de que no interior do continente haveria um rei branco cheio de riquezas. Nada mais era do que o inca. Essa incursão terrestre partiu da Ilha de Santa Catarina com a ajuda dos carijós, entre 1521 e 1525. Garcia acabou assassinado por sua própria escolta. Mas os rumores das riquezas do império incaico despertaram o interesse da Coroa espanhola e depois da portuguesa.

Na época das Grandes Navegações a atual cidade de Florianópolis foi um ponto estratégico disputado por navegadores europeus de várias nacionalidades

Navio ancorado na Ilha de Santa Catarina, *xilogravura colorida, Theodor de Bry, 1593*

HV – A expedição de Garcia mudou os rumos de nossa história?
Amílcar – Os boatos difundidos a partir de Santa Catarina fizeram com que os portugueses mandassem a esquadra de Martim Afonso de Sousa, que naufragou no rio da Prata. Mas eles retornaram e fundaram São Vicente, de onde se instaurou o sistema das capitanias hereditárias, fixando a presença lusa no país. Nos primeiros 30 anos do descobrimento, o Brasil ocupava o quarto lugar nos investimentos portugueses. Os boatos causaram uma corrida da prata; os portugueses precisavam impedir o avanço dos espanhóis na região, cuja penetração havia sido pacífica e com a ajuda dos carijós-guaranis. E o fizeram mandando os tupiniquins contra esses indígenas – isso marcou muito a história de Santa Catarina: em 1550 já não havia carijós na região, e os espanhóis perderam seus aliados. A frustração dos portugueses em não ter a região do Prata resultou na formação das primeiras bases da fundação do Brasil. Muito do que é hoje o país se deve a Santa Catarina em seus primórdios.

HV – Um estado que hoje não é muito grande...
Amílcar – Pois a grandiosidade territorial do Brasil vem de um fato que muito incomodou os portugueses e brasileiros: a união das Coroas, entre 1580 e 1640. A Espanha anexou Portugal e suas possessões, o que permitiu o florescimento do comércio da prata. O fluxo logístico desse comércio se consolidou em 1580 com a segunda fundação de Buenos Aires, ensejando maciça presença de portugueses, que subiam por via fluvial e terrestre até o Peru e desciam com a prata de contrabando. Eram os "peruleiros", muitos ex-bandeirantes, que expandiram as fronteiras do Brasil. Além disso, a união das Coroas fez o Brasil herdar as brigas da Espanha com a Inglaterra e os Países Baixos, em ascensão. Com a divisão do mundo entre portugueses e espanhóis pelo Tratado de Tordesilhas, a solução que as outras nações encontraram foi emitir cartas de corso, permissão oficial da Coroa para assaltar países inimigos. Daí os corsários, que tinham licença para atacar. Mas havia também os piratas, que atacavam até suas próprias nações.

HV – Há vestígios da presença pirata ou corsária em Santa Catarina nesse período?
Amílcar – O episódio mais importante referente à pirataria data de 1687: um naufrágio na praia dos Ingleses, nordeste da Ilha de Santa Catarina. A pesquisa subaquática e histórica demonstra que era uma nau procedente do Pacífico, tripulada por oito piratas ingleses, chefiados por Thomas Frins. Os ingleses foram capturados por Francisco Dias Velho, fundador de Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis), e os piratas, enviados para Santos,

Piratas e corsários ingleses atuavam na região, como mostra um naufrágio do século XVII encontrado na praia dos Ingleses, na atual capital catarinense

Ataque pirata a embarcação espanhola, *óleo sobre tela, Willem van der Velde, séc. XVII*

COLEÇÃO PARTICULAR

onde responderam a inquérito. É possível que Thomas Frins, ao fugir ou ser solto, tenha assassinado Dias Velho dois anos depois. Tratava-se de uma vingança.

HV – Como foi descoberto esse naufrágio?

Amílcar – Em 1989, o mergulhador Alexandre Viana encontrou por acaso algumas vasilhas de cerâmica espanhola, botijas para vinho, azeite etc. Durante anos teve a curiosidade de saber o que era. Com ele, Narbal Corrêa e Marcelo Lebarbenchon Moura fundaram o Projeto de Arqueologia Subaquática (PAS), que recebeu recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) para uma base de operações na praia dos Ingleses. Muitos objetos puderam ser tirados e tratados, com a orientação do arqueólogo Francisco Silva Noelli, que teve papel primordial no aprimoramento da minha hipótese de que se tratava do navio de Thomas Frins.

HV – A hipótese de que se tratava desse navio veio de suas pesquisas?

Amílcar – Sim. Foram exauridas outras fontes, e os objetos que começaram a surgir corroboravam cada vez mais a hipótese da embarcação tripulada por ingleses. Até uma tampa metálica de recipiente de vidro com o emblema da família Tudor. A embarcação era espanhola e, após ter sido apresada por ingleses, teria vindo do Pacífico. Há uma fonte descoberta por Noelli que nos convenceu: Ravenau de Lussan, um dos cronistas dessa força pirata, narrou o encontro na costa equatoriana com oito ingleses que, num barco capturado aos espanhóis, procuravam o resto da frota (900 homens). E diz ainda que a carga era primordialmente de botijas, como as que foram encontradas nos vestígios do naufrágio (mais de 20 gargalos, algumas inteiras). E por que a praia se chamaria praia dos Ingleses?

HV – O que o levou a estudar o período quinhentista de Santa Catarina?

Amílcar – Fiquei surpreso que houvesse tão poucas páginas dedicadas a esse período de Santa Catarina, sobre o qual há muito mais documentos do que sobre os séculos XVII ou XVIII. Daí se tem a dimensão da importância da região para o mundo na época e a perda desse prestígio depois. Essa história quinhentista era principalmente espanhola, por isso havia sido censurada: quem escreveu a historiografia brasileira estava a serviço da diplomacia luso-brasileira; isso a partir da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do XX. O aporte espanhol foi varrido para debaixo do tapete. Considere-se que nessa época os conflitos de fronteira com os platinos eram muito recentes; reconhecer a primazia castelhana no Brasil meridional significava reforçar os argumentos dos vizinhos nas negociações de demarcação. A fase dos descobrimentos nunca havia sido contada detalhadamente. Mas, com o ambiente novo de Mercosul, nada mais justo do que resgatar nossa história comum. H

Por MÔNICA CRISTINA CORRÊA, doutora em língua e literatura francesa pela USP, tradutora e representante cultural da Succession Saint-Exupéry em Santa Catarina.